

Escreve sobre Lisboa e vive-a há mais de meio século com amor, raiva e o desencanto próprio de quem assiste a uma destruição lenta e cruel. E é num misto de ironia ácida e apocalipse que ele reencontra bares, ruas, becos que ele sente ameaçados pelo tempo.

José Cardoso Pires: balada para uma cidade desfigurada

Maria José Mauperrin

«LISBOA está a transformar-se no meu 'remorso', no sentido que o O'Neill dava ao termo. O que sinto por esta cidade é uma espécie de amor rancoroso. Como um 'tipo' que está preso a uma mulher e a certa altura lhe ganha

um pó' desgraçado mas não consegue libertar-se dela».

José Cardoso Pires, a entrar nos 62 anos, autor de mais de uma dezena de livros, natural, por acidente, da Beira-Baixa: «Costumo dizer que a minha mãe era como os salmões: nas alturas da desova, ia para a terra, para a aldeia, ter os filhos». Lisboaeta de direito próprio, em Arroios cresceu e aos cinco anos, da varanda de sua casa, frente à igreja, viu um anjo de «tutu» branco descer do campanário... Mas isso é história que se contará mais adiante, quando a cidade se confrontar com um uísque velho, num bar do Cais do Sodré.

De altura mediana, figura espessa, feição de traços largos e marcados como aresta viva, cabelo curto e grisalho a mostrar a testa alta e sulcada de riscos profundos, Cardoso Pires é homem de discurso truculento, por vezes desarticulado, mas nunca indiferente. Uma certa forma de paixão, ou de desespero de quem vive com pressa interior, emerge do tom ácido das palavras com que enumera, de forma exaustiva, atentados à cidade que percorre há mais de meio século. «Não conheço outra cidade tão maltratada. Tenho

assistido a tantas e ruinosas administrações camarárias que a minha atitude hoje é de profunda desconfiança».

O automóvel avança no trânsito um pouco como a fala: com parágrafos e arranques e algumas manobras de diversão, para ganhar um pouco mais de tempo. O dia rompeu enérgico de sol. Não fora fácil encontrar o caminho para a casa do autor de Balada da Praia dos Cães. Resguardada numa rua feita de escadas e pequenos jardins, bem junto à igreja de São João de Brito, Cardoso Pires havia prevenido que o

topónimo era pouco conhecido, mesmo das gentes do bairro. Quando por fim se avista a figura do escritor recortada no contra-luz da porta da varanda, o atraso já rondava a meia hora.

Cabelos doirados, um carro bem fechado na mão sapada, o Rui olhava para os adultos que lhe entravam pela casa dentro. Um sorriso doce alargava-lhe a cara simpática, a reclamar as atenções. «É o meu neto», diz o escritor, como quem justifica a presença de uma criança entre gente mais velha, numa sala grande e um pouco ide-

solada. «Não ligo muita importância às crianças enquanto não consigo comunicar com elas», explica, ao mesmo tempo que enxota o Rui para a ampla varanda.

Sentado num sofá frente à lareira apagada, Cardoso Pires preocupa-se com o itinerário do passeio. Faz a gestão do tempo, quase rigorosamente. «Vamos primeiro à Vila Berta, depois à Ajuda e, a seguir ao almoço, junto ao rio, visitamos os tais bares do Cais do Sodré, de que lhe falei».

O mesmo sorriso meio tímido recortava-se na cara do

Rui quando a porta se fechava. «O Luís Pacheco é que gostava de escrever com a filha toda à volta. Eu só escrevo sozinho e o mais enclausurado possível. Por isso passo a maior parte do tempo na Costa de Caparica. Aqui em casa, com dois netos, é impossível».

Uma luz crua, trazida pelo sol de uma Primavera extemporânea, recorta fachadas de prédios e faz notar mais o surdo marulhar do ruído da cidade. Novos sinais de trânsito impedem que se percorram caminhos há muito registados na memória

colectiva. «Esta mudança constante de sinais, sem qualquer informação prévia à população, é uma das muitas atitudes de prepotência da administração camarária. Isto é bem revelador do espírito de alheamento e desrespeito da edilidade pelos cidadãos», diz, indignado, Cardoso Pires.

E agora, José? Agora há que mudar de sentido, inverter a marcha, e procurar novos trajectos. Assim terá de ser, apesar dos remos e das duras palavras do autor de Dinossauro Excelentíssimo: «Por que é que não se



JOSÉ Cardoso Pires nasce na Beira Baixa, em 1925. Frequenta o Curso de Matemáticas Superiores, que não termina, na Faculdade de Ciências de Lisboa. Em 1946 alista-se na Marinha Mercante. Nesse mesmo ano é publicado o seu primeiro conto, Salão de Vintém, numa Antologia de Jovens Escritores. Passa a redactor da revista Eva em 1949 e, a expensas próprias, edita Os Caminheiros e Outros Contos. Dois anos depois funda com Vítor Palla a colecção de bolso «Os Livros das Três Abelhas». Em 1952 é-lhe apreendido pela PIDE o livro Histórias de Amor.

É ainda criador e fundador da revista «Almanaque» e, na segunda metade dos anos 60, do suplemento «A Mosca», no «Diário de Lisboa». Nos iní-

cios da década de 70, parte para Londres, onde lecciona literatura portuguesa e brasileira no King's College. Livros publicados: Os Caminheiros e Outros Contos (1949), Histórias de Amor (1952), O Anjo Ancorado (1960), O Render dos Heróis (1960), Cartilha do Marialva (1960), O Hóspede de Job (1962), Jogos de Azar (1968), O Delfim (1968), Dinossauro Excelentíssimo (1972), E Agora, José? (1977), Corpo-Deito na Sala de Espelhos (1980), O Burro em Pé (1979) Balada da Praia dos Cães (1982).

Foram editadas traduções em Londres, Nova Iorque, Milão, Paris, Budapeste, Moscovo, Havana, Barcelona, Munique, Praga, Berlim. Com a publicação de Balada da Praia dos Cães recebe o Grande Prémio da Novela.

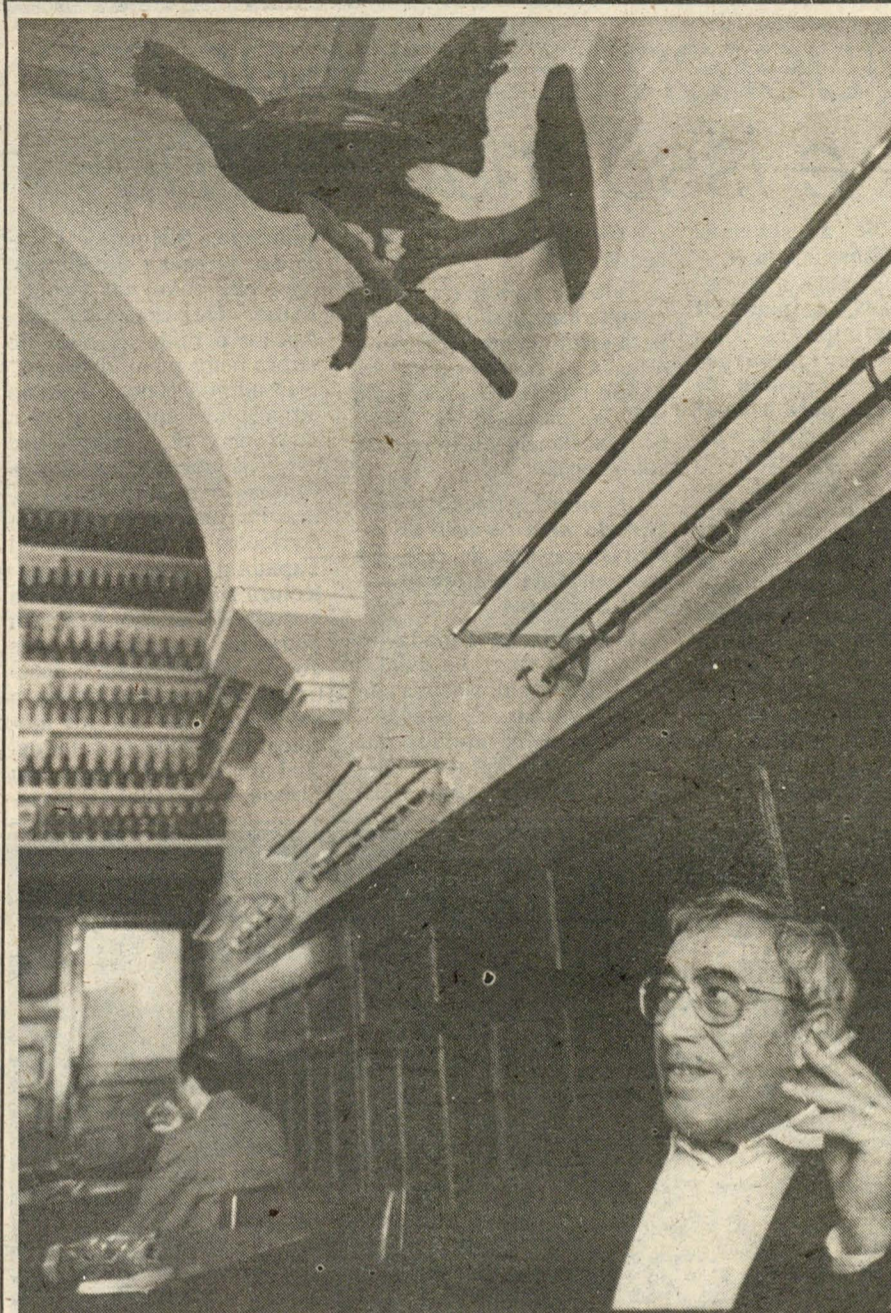
dá um pouquinho de confiança aos cidadãos? Porque é uma atitude intencional. Porque é preciso instituir a coacção como método».

Sobe-se a Rua do Sol, à Graça, e, antes de entrar na Vila Berta, Cardoso Pires, quase alheio ao que o rodeia, prossegue na crítica ácida à Câmara. «Lisboa está a tornar-se numa cidade insupportável». Sai do automóvel ainda a referir escritos sobre a capital como os do seu amigo, o alemão-federal Hans Magnum Ezensberger, «um dos maiores escritores contemporâneos» que, numa

série de artigos para «El País» sobre Portugal, de Lisboa dizia que se estava a transformar «num sonho texano à Hudson».

Ao entrar no arco que leva à Vila Berta, o escritor como que se apazigua. Desce o tom de voz e fala tão baixo como se pretendesse atapeitar da fala, para o silêncio aldeano do lugar não ser perturbado. Aponta as árvores: «Vê aquela nespereira ali? Entra no meu próximo livro: Alexandra Alpha».

Extasia-se em comentários. «Repare neste arco. Quase se imagina o Cavaleiro da Rosa



Do «English Bar» ao «Americano», no Cais do Sodré («A minha geração sempre foi sobretudo uma geração de café. Eu pessoalmente sempre gostei mais de bares»), da Tapada da Ajuda ao restaurante da doca de Belém, perto do monumento que Cardoso Pires considera «uma ofensa a qualquer pessoa que tenha admiração pelos dois séculos de história em que fomos universais» — o padrão dos Descobrimentos: «Lisboa é uma rameira de soldados. Usada, sujeita a 500 mil abortos, e mesmo assim airosa, e mesmo assim bonita. É isso que me entristece. É isso que me faz gostar dela»

Fotos: António Pedro Ferreira

trabalho artesanal do ferro forjado pela industrialização do ferro fundido. Mais dúctil e, mais barato, este ferro passa a ser elemento quase obrigatório na arquitectura da segunda metade do século XIX. A Vila Berta não foge à regra e ele ali está nos pilares que sustentam os aéres terraços, nos arabescos e volutas de delicado desenho das poleias e resguardos de varandas, numa tentativa de transfiguração de uma arquitectura de carácter social.

Mais nobre, enriquecido por frisos de azulejos de cores claras e vivas, o prédio do «patrão» da Vila, sobre o arco de entrada. As casas dos antigos operários, além de dois pisos, contam ainda com pequenas trapeiras que espreitam, sobre os telhados, o Tejo que corre lá no fundo da colina da Graça.

«O paternalismo dos patrões evidenciava-se no nome que escolhiam para estes bairros e que, duma maneira geral, eram sempre os de uma pessoa de sua família: a mulher ou a filha», lembra Cardoso Pires.

Há gente a espreitar atrás das cortinas de «crotchet» branco que vestem as janelas,

há pássaros que se não vêem mas de que se ouve o chilrear constante. «Gosto francamente desta Vila. Um gostar sem saudosismos pégas — repete. Este local faz parte de uma Lisboa que é a minha geografia privada e ao mesmo tempo a minha geografia literária. O curioso é que, à medida que fui avançando na minha vida de escritor, isso foi-se tornando mais claro».

A rua principal e única da Vila Berta, na Graça, está deserta a meio da manhã. Apenas uma mulher de meia idade se cruza no nosso ca-

(Continua na pág. 60-R)

«Querem expulsar-me — e isso magoa-me»

(Continuação da pág. 59-R)

minhar e se volta como quem hesita se deve ou não interferir no diálogo de estrangeiros ao seu «habitat». Sorri. E, ainda a sorrir, segue em frente, como a indicar a saída.

Volta-se de novo à Rua do Sol, agora para descer a caminho da Tapada da Ajuda. De passagem vai-se redescobrir o bairro, os pequenos comerciantes de mãos nos bolsos, à porta dos estabelecimentos, a ver quem passa e a observar o ziguezaguear dos eléctricos sobre os carris estreitos, espectáculo repetido mas sempre diferente.

Passa-se agora à Sé. Um pouco mais abaixo, frente ao largo da Igreja de Santo António, Cardoso Pires aponta para um pequeno e escuro restaurante-taberna: «Ali é a

‘Estrela da Sé’, a tasca onde o inspector Elias ia comer.»

Rua do Comércio, Avenida das Naus, as paragens obrigatórias impostas pelos semáforos. «Já reparou que Lisboa está construída de costas voltadas para o Tejo? — pergunta o escritor, voltando-se no assento do automóvel. O Pombal, que era um ditador esclarecido e fez coisas notáveis, quando reconstruiu a cidade, pôs as traseiras dos prédios com vista para o rio e as frentes sem vista nenhuma.» O carro arranca de novo e, já um pouco adiante do mercado 24 de Julho, o autor de *O Delfim* refere uma tasca «lindíssima onde se comia muito bem», escondida algu-

res na rua traseira ao mercado.

Fala-se então de um tempo em que a esquerda ortodoxa, para «sentir o povo», preferia a tasca ao restaurante, o segundo balcão dos cinemas à plateia, evitando os locais por excelência da burguesia endinheirada.

«A minha geração foi sobretudo uma geração de cafés. Da tertúlia de café. Eu pessoalmente sempre gostei mais de bares.»

A entrada na Tapada interrompe o fluxo de memórias. Os estímulos agora são apenas visuais. A conversa desvia-se pelos atalhos das sensações e o diálogo é telegráfico. «Lindo. Uma tran-

quilidade.» Silêncio. «O verde das árvores e o contraste com este roxo das flores.» Pausa. «Que cheiro a terra.» Apenas o ruído do pisar do saibro pelos pneus do carro.

O automóvel desemboca no largo sombreado por árvores de troncos tão espessos que nem seis braços estendidos os conseguiriam abraçar. Lá está o Pavilhão de Exposições Agrícolas e Industriais da Tapada da Ajuda. Na arquitectura francesa, da segunda metade do século XIX, foi Pedro de Ávila buscar mais do que a inspiração: o «pastiche». Mas o que impõe o pavilhão como um dos modelos da arquitectura industrial do fim do século, em Lisboa, é sobretudo a trans-

parência das portas e das longas galerias envidraçadas (que ligam os vários corpos do conjunto arquitectónico), tudo isto emoldurado numa caixilharia de ferro fundido.

«Estes gajos não têm emenda — quase grita Cardoso Pires, ao olhar o amarelo com que foi pintado o edifício. Quando fazem uma coisa bem feita, têm de meter uma vírgula no sítio errado para estragar a prosa.» Construído há 102 anos, o Pavilhão foi inaugurado com a Exposição Agrícola de 1884. «Recuperam o edifício, mas têm logo de o borrar com esta cor e com estes horríveis candeeiros à volta. E aquelas bandeiras penduradas lá dentro. Um nojo.»

Já no regresso ainda se fala do bem e do mal que as instituições, com relevo para a Câmara, provocam no tecido urbano. «Lisboa é uma rameira de soldados. Usada, sujeita a 500 mil abortos, e mesmo assim airosa, e mesmo assim bonita. É isso que me entristece. É isso que me faz gostar dela.»

Nem mesmo as visões de uma Lisboa maltratada, vilipendiada, conseguem esmorecer o apetite de uma hora de almoço. Na varanda do restaurante na doca de Belém, com o rio ao estender da mão, Cardoso Pires trinchava cuidadosamente o grande e vistoso robalo grelhado. Um vinho branco doirado, bem fresco, enche os copos com que se brinda ao encontro e sobretudo à cidade e também «às nossas inclinações».

Nem o cais de barcos de recreio, com mastros apontados para o céu, a bambolear-se no agitar sereno do rio, nem sequer os Jerónimos ao longe, a destacarem-se do fundo azul do céu quase mediterrânico, conseguem ser elementos visuais e evocativos com força bastante para distrair a atenção do escritor. «Aquele «mamarracho que é a vergonha de qualquer português»: o padrão dos Descobrimientos. «Aquilo é uma ofensa a qualquer pessoa que tenha admiração pelos dois séculos de história em que fomos universais», afirma, categórico.

José Cardoso Pires não é homem que se renda, mesmo face a um bom prato. Decidido a não deixar as críticas à edilidade por mãos alheias, entre garfadas e pequenos golos de vinho, vai desafiando as contas de um longo rosário de amarguras. «Não me venham dizer que sou um apocalíptico. Que vejo apenas as coisas más que a Câmara faz e as que consente que se façam. Agora, eu não posso é estar de acordo com quem faz e defende o Pátio Alfacinha ou os ‘desarranjos’ no Chiado.»

«Tudo isto me lembra um galo cocó que a minha avó tinha e que, de vez em quando, para impressionar, esticava o pequeno pescoço e soltava um rorococó», ironiza o escritor, na altura do café.

Estômagos reconfortados, o sol a acompanhar o passeio, o Tejo manso a seguir-nos até ao Cais do Sodré, é com boa disposição que se

entra no English-Bar para ver o «relógio que tem um mostrador com os números das horas marcados ao contrário, no sentido inverso do habitual», e beber uma «ginger-beer», porque «à pressão só ali». Recordar que também por ali passaram o Bernardo Marques e o Manuel Mendes.

Do outro lado da Rua Bernardino Costa, mesmo em frente do English-Bar, fica o Americano, também ele reservatório de memórias de presenças de notórios poetas e prosadores, de pintores, de funcionários e de muitas outras e variadas gentes de outros portos, outros mares, outros rios. E porque tanto se fala dos sítios por onde Pessoa passeou, Cardoso Pires faz questão de relembrar que o «Americano foi capela frequentada pelo poeta às horas litúrgicas dos ‘morning drinkers’». E a comprová-lo a fotografia de Pessoa, em mangas de camisa, sentado com o Matos (o antigo dono do bar), num banco de jardim ali perto.

«Quando um dia se quiser fazer a história dos bares acontece como às tabernas de Lisboa, que estão resumidas a um álbum de fotografias e pouco mais — lamenta o escritor, que logo encontra justificação adequada para essa indiferença. Cidades como Lisboa há muito que se habituaram a ser ignoradas e mentidas pela subcultura camarária. Pelo ‘bibelot’ castiço do pequeno-burguês que já vem do Portugal dos Pequeninos e continua, como já disse, no ‘Pátio Alfacinha’.»

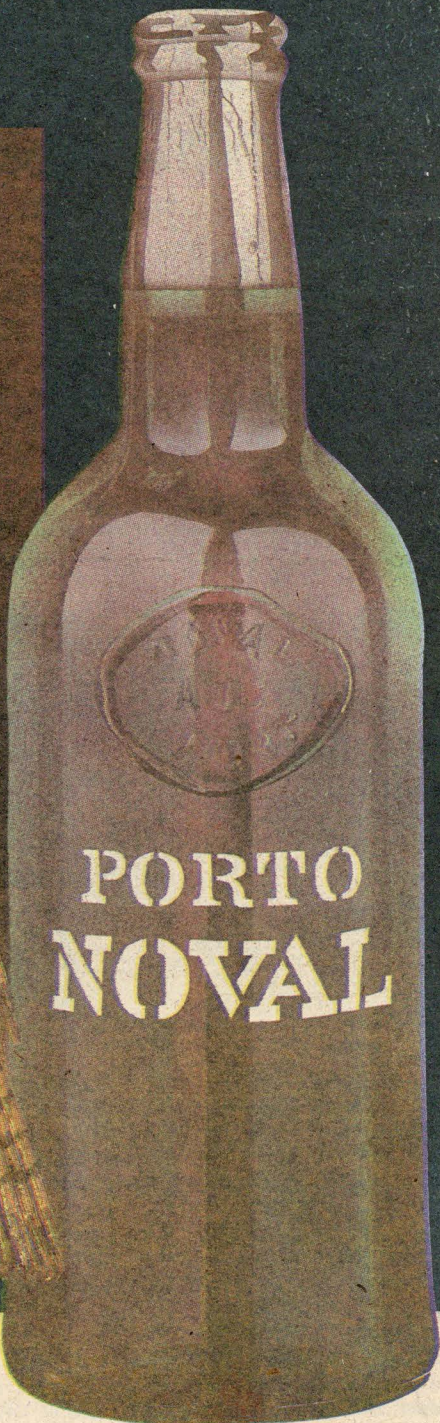
Sob o olhar embalsamado do «Urogalo, ave que apenas canta quando está para morrer», Cardoso Pires bebe um uísque e fala. Fala sempre da Lisboa que é a sua cidade, lugar onde sempre viveu e que o magoa desde os cinco anos, quando, prisioneiro de uma varanda («porque os meninos não iam brincar para a rua»), numa manhã talvez cinzenta, viu um «anjo» todo vestido de branco, com um «tutu» de tule, a descer da torre da igreja de Arroios para o largo. «No largo havia palmeiras grandes, frondosas. A igreja não era nenhum monumento mas estava certa ali. O anjo que vi vinha a voar do alto da torre do sino sobre as palmeiras. Depois, veio o dia em que deitaram abaixo a igreja e muitas das palmeiras para construir, no seu lugar, um ‘bunker’ que Hitler não desdenharia — recorda, enquanto acende mais um cigarro. Desta igreja jamais voarão anjos.»

Perto dos 62, José Cardoso Pires sabe que o «anjo» que viu aos cinco anos não passava de uma acrobata de circo. No entanto, essa imagem não tem deixado de o acompanhar. E, pelo receio de que lhe roubem mais bocados do seu imaginário, o autor da *Balada da Praia dos Cães* não se cansa de insistir: «Eu escrevo sobre Lisboa que é a minha cidade. Foi aqui que sempre vivi mas estão a querer expulsar-me. E isso magoa-me.»

...e o homem aperfeiçoou.

Duas belezas clássicas,
duas magníficas jóias,
ao mesmo tempo profanas e sagradas,
terrenas ou espirituais.

Vivê-las é um dom.



«A jewel among Port wines»

BRANCA DE BRITO, SUC.ª, LDA. - Sede: Rua dos Correeiros, 53-2.º dt.º - 1100 LISBOA - Tel. 32 37 80 - 36 79 00 - 32 56 61
Centro Comercial Amoreiras - Av. Eng. Duarte Pacheco, Piso 2 - Loja 124 - 1200 LISBOA - Tel. 69 29 02
Centro Comercial Brasília - Praça Mouzinho de Albuquerque, 4.º Piso - Loja 47-A - 4100 PORTO - Tel. 69 33 52